

MULHERES DE ATENAS: TRADIÇÃO E RUPTURA EM *O GUARDADOR DE MEMÓRIAS*, DA ANGOLANA ISABEL FERREIRA

**Franciane Conceição da SILVA
Gracia Regina GONÇALVES
Universidade Federal de Viçosa – UFV
E-mail: francyebano14@hotmail.com
graciag@hotmail.com**

Resumo:

Este trabalho pretende dar uma maior visibilidade para a obra ficcional da escritora angolana Isabel Ferreira, através da crítica do seu romance *O Guardador de Memórias*. Neste, a autora se fundamenta na concorrência de várias vozes constitutivas das personagens, em especial da personagem Kiluva, e constrói um painel de resistência ao discurso andocêntrico e patriarcal, elegendo como temática a questão do uso do corpo feminino, enquanto elemento desafiador da ordem vigente e a não essencialização do gênero feminino, enquanto uma categoria fixa e pré-determinada em seus parâmetros.

Palavras-chave: Literatura Africana; Feminino; Corpo; Subversão.

Durante o período em que Angola lutou para conseguir se libertar do domínio português, os ecos da literatura foram uma forte arma de resistência contra o colonizador. Escrevia-se sobre a desumanidade da colonização, a importância da união dos povos africanos para conseguirem se libertar, sobre a paz que reinaria no país depois da libertação e sobre o orgulho de ser africano. Enfim, escrevia-se como uma forma de combate, de luta e acima de tudo de resistência e valorização da identidade africana. Nesse contexto, é possível afirmar que durante o período de luta pela libertação da nação angolana, a literatura contribuiu de maneira efetiva para o fortalecimento da história e identidade desse povo.

Assim, se um dos objetivos principais da literatura produzida no período colonial era divulgar as atrocidades cometidas pela colonização européia. Mais tarde, quando o país se livrou do domínio europeu, depois de um longo período de guerra civil, a nação começou a se reconstruir e outras temáticas começaram a ganhar espaço nas narrativas. Desse modo, se no período colonial, os sucessivos desequilíbrios sociais, acrescidos dos diferentes conflitos e guerras, marcaram inevitavelmente os autores angolanos, servindo-lhes até de motivação e refletindo de uma maneira mais imediata ou mais simbólica:

Hoje, porém, em período pós-colonial, essas literaturas continuam a trilhar o *caminho da nação*. No entanto, ao invés de uma “nação higiênica”, este ainda *relato de nação* tem vindo a fazer se pela encenação da fragmentária memória incômoda de diferenças, intolerâncias, conflitos, traições e oportunismos, numa enunciação narrativa predominantemente de modo evocativo, através da qual se convoca um passado bem diferente daquele antes textualizado – histórico, não já idealizado. (MATA, 2010)

Mesmo sendo jovem, a literatura angolana apresenta qualidade e consistência, vivendo um período de extensa produtividade. Neste sentido, pode-se afirmar que a produção literária africana no pós – independência, principalmente em Angola, se mostra cada vez mais extensa e rica, sendo então um período “em que os escritores procuram traçar os novos rumos para o futuro da literatura dentro das coordenadas de cada país, ao mesmo tempo em que se esforçam por garantir, para essas literaturas nacionais, o lugar que lhes compete no *corpus* literário universal.” (CHABAL, 1994 apud FONSECA & MOREIRA, 2012).

Neste âmbito, é importante destacar que no período em que Angola lutou para se libertar do colonizador, as mulheres tiveram uma participação efetiva nesse processo. Vivendo em uma sociedade machista e patriarcal, em uma cultura que as oprime e inferioriza, quebrando paradigmas, as mulheres angolanas não apenas se filiaram à guerrilha na luta pela libertação do país, como também adentraram o arenoso terreno da literatura.

Dessa forma, se nas sociedades ocidentais as mulheres precisam lutar a todo tempo para conseguirem o espaço que lhes é de direito na literatura, sendo consideradas, muitas vezes, invisíveis. Nas sociedades africanas, isso aparece de maneira ainda mais contundente. Muitos são os nomes dos escritores que se destacaram e se destacam na produção literária de Angola: Agostinho Neto, José Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa, Ondjaki, Pepetela, entre outros. Esta lista, na maioria das vezes, não inclui mulheres. A mulher angolana que escreve é, de certo modo, “invisibilizada” e a maioria das pessoas desconhece que em Angola existe uma rica produção literária feminina, de escritoras, tais como: Ana de Santana, Alda Lara, Alda do Espírito Santo, Chô de Guri, Maria Alexandre Dáskalos, Rosária da Silva, Ana Paula Tavares, Isabel Ferreira, entre outras.

Dessa lista, duas grandes escritoras conseguiram se destacar na produção poética angolana: Alda Lara e Ana Paula Tavares. Autora de poemas emblemáticos, com uma grande sensibilidade feminina e uma forte capacidade inventiva, esta última, por exemplo, percebe o mundo que a cerca na tentativa de reconstruir um novo modo de ser no momento de reconstrução nacional. “Nesse sentido, a leitura de seus poemas não deixa dúvida quanto ao fato da sociedade angolana ainda se mostrar fortemente marcada por um sistema de estratificação e desigualdade de gênero, mesmo no período pós-independência”. (BEZERRA, 2011)

Tal qual Ana Paula Tavares, a romancista Isabel Ferreira, ainda pouco conhecida pela crítica, em seu romance *O guardador de Memórias* também questiona os valores e tradições que legitimam e estruturam a sociedade angolana. Nesse sentido, a ficcionista quebra o silêncio ao qual as mulheres africanas são submetidas e através da personagem Kiluva contesta as tradições angolanas que aprisionam as mulheres e as impedem de decidir sobre os seus próprios destinos. Desse modo, ao escrever tal narrativa, Isabel Ferreira rompe

Com os discursos sacralizados pela tradição, nos quais a mulher ocupa, à sua revelia, um lugar secundário em relação ao lugar ocupado pelo homem, marcado pela marginalidade, pela submissão e pela resignação. Tais discursos não só interferem no cotidiano feminino, mas também acabam por fundamentar os cânones críticos e teóricos tradicionais e masculinos que regem o saber sobre a literatura. (ZOLIN, 2005)

Nesse contexto, é possível afirmar que a mulher que escreve tenta apaziguar o silêncio sob o qual foi submetida historicamente e dizer dos seus anseios, suas angústias, denunciando um sistema injusto e repressor. Essa denúncia realizada pela escrita feminina “trazem à tona

uma experiência cultural específica com que transcendem o autobiográfico e manifestam a situação da condição feminina em nossas sociedades” (JOZEF, 1995, p.90). Nesse âmbito, em se tratando de literatura produzida por mulheres, nas sociedades africanas que foram vítimas de um longo período de colonização, a denúncia feita não é mais contra o colonizador europeu, visto que, este já foi vencido.

Trata-se, portanto, da denúncia de uma dupla colonialidade: a política, ainda que não mais exercida nos moldes europeus; e a social e familiar, que coloca as mulheres na margem. Colonialidade esta que converte suas histórias em histórias duplamente silenciadas pela condição de subalternidade no seio da diferença imposta pela colonialidade e de subalternidade vivida na diferença sexual. (RIBEIRO, 2010, p.148)

Em *O guardador de memórias*, Isabel Ferreira denuncia a condição da mulher na atual sociedade angolana, apresentado uma narrativa com vozes polifônicas. Nessa polifonia, se destaca a voz de Kiluva, personagem central do romance. Mulher de beleza invejável, sendo a “que mais se destacava no Bairro Coqueirense” (FERREIRA, 2008, p.182), ao tornar-se viúva, depois de dez anos de um casamento em que foi tratada como escrava do lar e usada como mero objeto sexual, Kiluva se recusa a guardar um prolongado luto para depois casar-se com o cunhado, como pede a tradição angolana, e a partir de então resolve ser a dona do próprio destino. Como pode ser percebido no fragmento que segue:

- Tradição... tradição... tradição! Deus! Deus há de perdoar! Deus nunca proibiu o amor. Aliás até dizem que perdoou a mulher que teve cinco maridos. Não foi a ela que Jesus pediu água... Xé, amiga, me deixa deambular com a minha vagina. Essa flor que tem um cheiro que só é meu. E quanto aos kotas... Estou cansada de ouvir tantos falatórios em nome de rituais. Quero amar... quero viver! Quero hospedar em meu coração um novo amor. (FERREIRA, 2008, p.186)

Durante toda sua infância e em boa parte de sua vida adulta, Kiluva se viu sobre constante vigilância, primeiro dos pais e dos tios e, depois do casamento, passou a ser vigiada pelo marido. O casamento que antes lhe parecia uma possibilidade de libertação da incômoda vigilância familiar, mostrou-se como uma prisão ainda maior. Sendo, de certo modo, comprada pelo marido que pagou um dote à família desta, durante todo o período em que esteve casada, a personagem foi reprimida pelo cônjuge, que fazia questão de afirmar a sua masculinidade, sua superioridade enquanto macho, obrigando a esposa a fazer todas as suas vontades, já que tinha pago um bom preço pela mesma. O trecho em destaque confirma tal assertiva:

- Eu julgava que me juntava a um homem! Que havia de me libertar da vigilância do meu pai e das recomendações dos meus tios. Mas infelizmente não foi isso que aconteceu. [...] Ele tinha tantas formas de me vigiar... Para além de ser ciumento e agressivo, queria me encher de filhos. Mandar e dirigir a minha vida, como se eu não tivesse vontade própria. Quase sempre ostentava a sua atitude de macho, dizendo que me tinha pago, por um bom preço! (FERREIRA, 2008, p.192)

A relação conjugal de Kiluva representa um retrato da sociedade angolana que ainda hoje é regida pelo patriarcalismo que subjuga, reprime e inferioriza as mulheres. Nesse

sentido, percebe-se que “as relações de poder entre casais na ficção espelham as relações de poder entre homem e mulher na sociedade em geral; a esfera privada acaba sendo uma extensão da esfera pública. Ambas são construídas sobre os alicerces da política, baseados nas relações de poder”. (ZOLIN,2005)

Kiluva questiona e vai de encontro às tradições porque se sente vítima desta. Ao tornar-se consciente de que por conta das tradições foi aprisionada, deixando de aproveitar muitos dos prazeres da vida, a personagem resolve se rebelar. E para isso utiliza do corpo bonito e dos prazeres que este lhe proporciona e pode proporcionar como arma de conquista, sedução e insubmissão. Desse modo, na obra de Isabel Ferreira, o corpo “mesmo sendo lugar de dor, de queda, de experiência da finitude, é ainda lugar de vigor, de potência, de desejo”. (SILVA, 2011, p.148). O corpo de Kiluva surge como o lugar de dor quando esta se vê submetida a uma comprovação da sua virgindade no período anterior ao seu casamento, esse ritual mesmo sendo comum na sociedade angolana, tornou-se marcante na vida da personagem que o recorda tristemente:

- Eu era miúda não compreendia muita coisa. Fez- me tanta confusão aquela triste cena. Receberam o dote das mãos de um homem, meu mais velho 15 anos. Fui para o cubículo do meu homem. Mesmo sabendo que eu era miúda, voltaram a reconfirmar a minha virgindade! (FERREIRA, 2008, p.189)

Com a viuvez, Kiluva se sente livre para aproveitar a vida. Contrariando o desejo da família do marido e para o escândalo da sociedade luandinense, Kiluva passa a utilizar o corpo como ferramenta de sedução, de prazer. O corpo surge assim como um elemento desafiador da ordem vigente, da não - essencialização do gênero feminino, como símbolo de emancipação feminina:

- Eu não tenho nada de cumprir rituais estranhos [...] o meu corpo não obedece a tradições. O meu corpo não obedece ao luto. O meu corpo enquanto matéria viva sente e quer prazer. Nunca ouvi alguém dizer ao corpo: corpo não sente vontade, estás de luto. O luto! O luto! Luto!... O defunto não corta tesão, nem dinamismo nas pernas, nem vontade de passear, nem desejo de amor... A carne está quente, está viva. Eu também preciso de tarraxar um pouco [...] Tradição? Achas que se fosse eu quem tivesse ido, ele no terceiro dia, não ia à procura de outra? Cansei-me das tradições. Dos rituais, das bocas dos mais velhos... (FERREIRA, 2008, p.184-185)

Kiluva entra em conflito com os costumes da sociedade onde vive, por se sentir vitimada por estes. E ao satisfazer os desejos do corpo com um amante, dias após a morte do marido, o faz como forma de deleite, mas, principalmente, de insubmissão às tradições que determinam papéis para mulheres, papéis de subordinação e resignação diante de regras impostas pelo patriarcalismo. Desta forma, é possível dizer que os corpos femininos, “se não policiados pela heterossexualidade patriarcal, constituem-se em armas desconstrutoras dos valores falocêntricos, capazes de promover sua libertação”. (CIXOUS, 1988 apud ZOLIN, 2005)

Mais do que gozar dos prazeres da vida, Kiluva busca a liberdade de poder usar o corpo da maneira que acha conveniente. Consciente de sua beleza e do poder do seu corpo

como arma de conquista, a personagem deixa claro que mais do que sentir e dar prazer, este pode ser utilizado para obter outros benefícios, como pode ser observado no trecho em destaque:

- Pois, então, ouve bem! Amiga! O corpo bonito e perfeito não é tudo. Há quem diga que beleza é fundamental. Mas isto é para poetas e os artistas...

- Ó amiga, qual é a tua? Me vens com essa agora? Não te passa pela cabeça que é isso que prendeu o teu irmão? O meu corpo bonito. Os meus lábios carnudos. As minhas pernas longas. O meu porte tem que ser pago com alguma coisa. Não se anda com uma bela mulher, apenas para olhar para os lindos olhos! (FERREIRA, 2008, p.201)

Kiluva utiliza o corpo como instrumento de troca. Dá e recebe prazer. Satisfaz os desejos do amante porque este pode lhe oferecer outros benefícios, deixando bem evidente que suas relações com este é baseada em interesses. Isso porque, segundo ela, “nesta vida a mulher precisa dum homem às direitas, para te dar amor, dinheiro e proteção”. Só assim é que me tarraxas! Senão, não há tarraxinha!(FERREIRA, 2008, p. 200)

Ao apresentar um comportamento contrário às tradições, Kiluva se torna o assunto principal do bairro onde vive, sendo mal falada pelos kotas(anciões) e também pelas mulheres de todas as idades que estranham e recriminam as atitudes ousadas da viúva. Disposta a aproveitar a vida de maneira intensa, a personagem não dá importância ao falatório geral e justifica seu comportamento presente, recordandoos sofrimentos do passado:

Durante anos tive um patrão que dormia ao meu lado. [...] E eu julgava que era assim... Que a mulher era só para parir! Não necessitava de sentir desejo e prazer. [...] Eh! Mana, eu sofri... Imagina que nunca olhou para o meu corpo. Nunca me disse me desejava com gana. Nunca me disse que gostava do meu corpo e do meu beijo. Nunca me disse se eu lhe saciava ou não. (FERREIRA, 2008, p.193)

Ao rememorar um passado de sofrimento, a personagem fortalece as suas atitudes no presente. “A recuperação do mundo e de si mesma concebe-se em termos de um deslocamento em direção ao passado, uma espécie de reconquista do paraíso perdido. (JOZEF, 1995, p.88). E assim, por se sentir agredida por tradições que lhe causaram grandes transtornos, se sente à vontade para contestar tais costumes. E já que protestar com palavras pode não surtir o efeito desejado, já que na sociedade em que habita, as mulheres são obrigadas a silenciar, Kiluva utiliza o corpo como ferramenta de resistência. O corpo antes invisibilizado torna-se instrumento de gozo, desejo e, mais do que isso, de subversão. Nesse contexto, Ribeiro (2010, p.146), afirma que:

Negar e subverter essa hierarquização- mostrando- e não apenas como impossível- única, mas também como parte de um todo que oprime- é o caminho escolhido para percorrer o longo e sinuoso percurso à transformação de uma esperada lógica feminina de submissão e opressão numa lógica feminina de libertação e emancipação. Esse é o caminho trágico, mas simultaneamente glorioso, a traçar. Daí o desafio lançado a um só tempo ao poder da tradição e ao poder social patriarcal.

Ao agir de forma subversora, Kiluvase apropria conscientemente e de forma sarcasmo do retrato de mulher “demonizada” presente na literatura romântica. Ela vai contra a corrente, assumindo-se como fatal, sem a culpa que é colocada nas heroínas, sempre punidas com a mutilação. Lúcia OsanaZolin (2005) cita que:

É recorrente o fato de as obras literárias canônicas representarem a mulher a partir de repetições de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam. Sendo que a representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia.

Mesmo indo de encontro ao comportamento convencional das heroínas românticas, tantas vezes representados no cânone, Kiluva é uma personagem que ganha a admiração do leitor e, principalmente, das leitoras que se identificam com a atitude corajosa da personagem, que mesmo com todas as adversidades, vai com toda gana à procura de sua felicidade. Ao escrever uma obra com uma personagem tão transgressora, Isabel Ferreira sofreu algumas represálias no seu país, mas não se deixou intimidar, assim como Kiluva não se deixou amedrontar pelas muitas pessoas que recriminavam suas atitudes ousadas. No desfecho da narrativa, Kiluva se vê sozinha e inconformada, o que não invalida a sua determinação de ser feliz, subvertendo regras e quebrando paradigmas.

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Kátia da Costa. Rompendo limites: a voz da mulher angolana num tempo de reconstrução nacional. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/CMS/cms1802.htm>. Acesso em: 25 set. 2012

FERREIRA, Isabel. *O guardador de memórias*. Luanda: Edições Kujizakuami, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; MOREIRA, Terezinha Taborda. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf. Acesso em: 25 set. 2012.

JOZEF, Bella. A escrita da mulher: memória e testemunho. In: XAVIER, Elódia; LOBO, Luísa; CUNHA, Helena Parente (orgs.). *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Rio de Janeiro: NIELM, 1995.

MATA, Inocência. A Actual Literatura Angolana: pontes ligando gerações, estéticas em rupturas. Disponível em: <<http://www.ueangola.com/index.php/criticas-e-ensaios/item/73-a-actual-literatura-angolana-pontes-ligando-geracoes-esteticas-em-rupturas.html>> Acesso em: 20 ago. 2011.

RIBEIRO, Maria Calafate. Poder e conhecimento na poesia de Ana Paula Tavares. In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (orgs.). *África, escritas literárias*: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe. Rio de Janeiro: UFRJ/UEA, 2010.

SILVA, Sofia de Sousa. Dos modos de insurreição do corpo. In: PADILHA, Laura Cavalcante; SILVA, Renata Flávia (orgs.). *De guerras e violência: palavra, corpo, imagem*. Niterói: Editora da UFF, 2011.

ZOLIN, Lúcia Osana. Os estudos de gênero e a literatura de autoria feminina no Brasil. Disponível em: http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais15/Sem03/luciaosana.htm. Acesso em: 20 set. 2012.